

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 70

Data 24 de novembro de 1991 Pg.:

Babenco espera a estréia de seu clássico

Cineasta fala à Folha em Nova York onde aguarda o lançamento de "Brincando nos Campos do Senhor"

Graciela Magnoli

BERNARDO CARVALHO
De Nova York

O último filme de Hector Babenco, "At Play in the Fields of the Lord" (Brincando nos Campos do Senhor), tem estréia marcada para 6 de dezembro nos EUA. Baseado no romance homônimo de Peter Matthiessen, publicado em 65, o filme conta a história de dois casais de missionários protestantes americanos que se afundam na Amazônia decididos a "pacificar" uma tribo indígena.

A história, uma espécie de conto moral sobre o embate entre homem e natureza, mostra esses homens sendo aniquilados pela violência da floresta.

Babenco fez um filme exemplar, com um trabalho de atores impecável, garantido por um time de primeira (John Lithgow, Kathy Bates, Tom Berenger, Nelson Xavier, José Dumont, Daryl Hannah e Tom Waits).

★
Folha - Por que você acha que o escolheram para fazer esse filme?

Babenco - Não sei. Nunca perguntei. Não sei por que não fizeram com o Milos Forman ou com um dos outros diretores que estiveram interessados no projeto desde 65, como o John Huston. Há determinadas coisas numa relação que você não pergunta. Você parte do princípio que já é privilégio ter sido escolhido para um projeto desta magnitude.

Folha - Era sua intenção fazer um filme clássico, moralista no sentido abrangente do termo; à maneira de John Huston?

Babenco - Nunca vi John Huston na minha vida. Nunca vi "O Tesouro de Sierra Madre"; nunca vi "African Queen". O John Huston que eu adoro é o diretor de "Fat City", que faz "Prizzi's Honor" e "O Homem que Queria ser Rei". Quando você faz um filme você não tem idéia do que ele vai ser.

Folha - Você chegou a pensar em fazer o filme com uma tribo real?

Babenco - Não. Desde o início eu sabia que não queria me aproximar de uma tribo para trabalhar com eles, embora soubesse que talvez fosse o único diretor no mundo, fora alguns colegas brasileiros, que teria o acesso a isso. Poderíamos ter conseguido modelos de trabalho junto ao Xingu, como o Ruy Guerra conseguiu, junto aos bororos, e mesmo aos ianomami. O modelo que eu adotei no filme pertence aos ianomami. O fato de fazer o filme com uma tribo real, que eventualmente daria a eles um reconhecimento mundial, não justificaria uma equipe de 150 pessoas se instalar ao lado da tribo e empregá-los como se fossem operários da Volkswagen. Eu estaria fazendo a mesma coisa que os personagens do filme. E se os índios saem para caçar? Você diz que eles têm que voltar antes das 8 da noite porque no dia seguinte acordam cedo? Não aceito o que o Ruy Guerra fez no Xingu. Apesar de o Xingu ser hoje em dia quase uma espécie de zoológico mundial, com aviões da Suécia, da Suíça e da Dinamarca descendo para tirar fotografias.

Folha - Como foi o trabalho para criar essa tribo?

Filme evita oportunismo ecológico

De Nova York

Babenco jura que nunca viu John Huston. Não foi à toa que o cineasta de "O Tesouro de Sierra Madre" quis muito filmar "At Play in the Fields of the Lord". O livro de Peter Matthiessen trata de missionários americanos ensandecidos em sua fé pelo deus da civilização. Acreditam piamente que vão salvar os índios de suas "práticas selvagens". Mas não se trata apenas de um ponto de vista de defesa das comunidades indígenas. Matthiessen escreveu um conto moral sobre o desvario desses americanos na selva e Babenco soube filmar, com extrema competência, a dimensão psicológica e religiosa dessa história, como teria feito Huston.

Babenco fez um filme clássico, com imagens e narrativa clássicas no melhor sentido da palavra. Os atores são todos excelentes e a direção é discreta e suficiente

Babenco - Trabalhei com dúzias de crianças de rua para fazer o "Pixote". Essas crianças não tinham necessariamente o perfil que representavam na ficção, mas tinham dentro delas toda a angústia e a raiva, o perfil social dos personagens que eu queria mostrar. A gente usou o mesmo método, só que com índios. Peguei gente dos xavantes, bororos, carajás. Pegamos muita gente em Altamira, Belém, Manaus. Essas pessoas tinham crescido em comunidades indígenas e por razões de crescimento estúpido do país se transformaram em bóias frias. Alugamos uma fazenda perto de Belém e trabalhamos com eles durante seis meses. Cada um trazia sua própria memória. Aos poucos os personagens foram sendo criados. Criamos uma aldeia indígena onde se fala tantas línguas quanto você pode imaginar. Ninguém fala a mesma língua. Só que ninguém sabe.

Folha - Em algum momento você temeu cair no oportunismo ecológico?

Babenco - Nunca fiz parte dessa corrente de pensamento. O ecologista para mim é um babaca pintado de verde. É muito fácil ser ecologista em Berlim, Toronto, Londres ou Nova York. Juntar dinheiro para que não se cortem árvores. Acho muito importante que se tenha tomado consciência nos últimos dez anos dos recursos naturais do planeta, de uma forma abrangente. Mas isso é anterior à palavra ecologia. A maioria das pessoas que advoga a causa ecológica de uma forma parecida com as pessoas que eram comunistas na década de 60 nem sequer pára para pensar nas pessoas que moram na floresta, o que para mim é uma contradição. Minha floresta não é encantada, não tem jaguatirica pulando em câmera lenta, não tem pássaros ao pôr-do-sol. Ela é inóspita ao homem.

Folha - Como os atores americanos suportaram as filmagens na floresta?

Babenco - Sofreram como todo mundo. Diarréias, disenteria, picadas de mosquito. Mas tínhamos médicos de plantão, acordo com laboratório para fazer exames de todo mundo. Havia uma equipe que desinfetava as áreas onde trabalhávamos contra malária e outros tipos de insetos. Trabalhamos com um caçador de cobras fornecido pelo Butantã. Ele pegava cobras e aranhas o tempo inteiro e extraía o veneno. Todos os atores americanos têm extrema consciência da responsabilidade de fazer um filme. Lamentavelmente não tive com eles a mesma relação que tive com o Jack Nicholson em "Ironweed", de quem eu fiquei amigo.

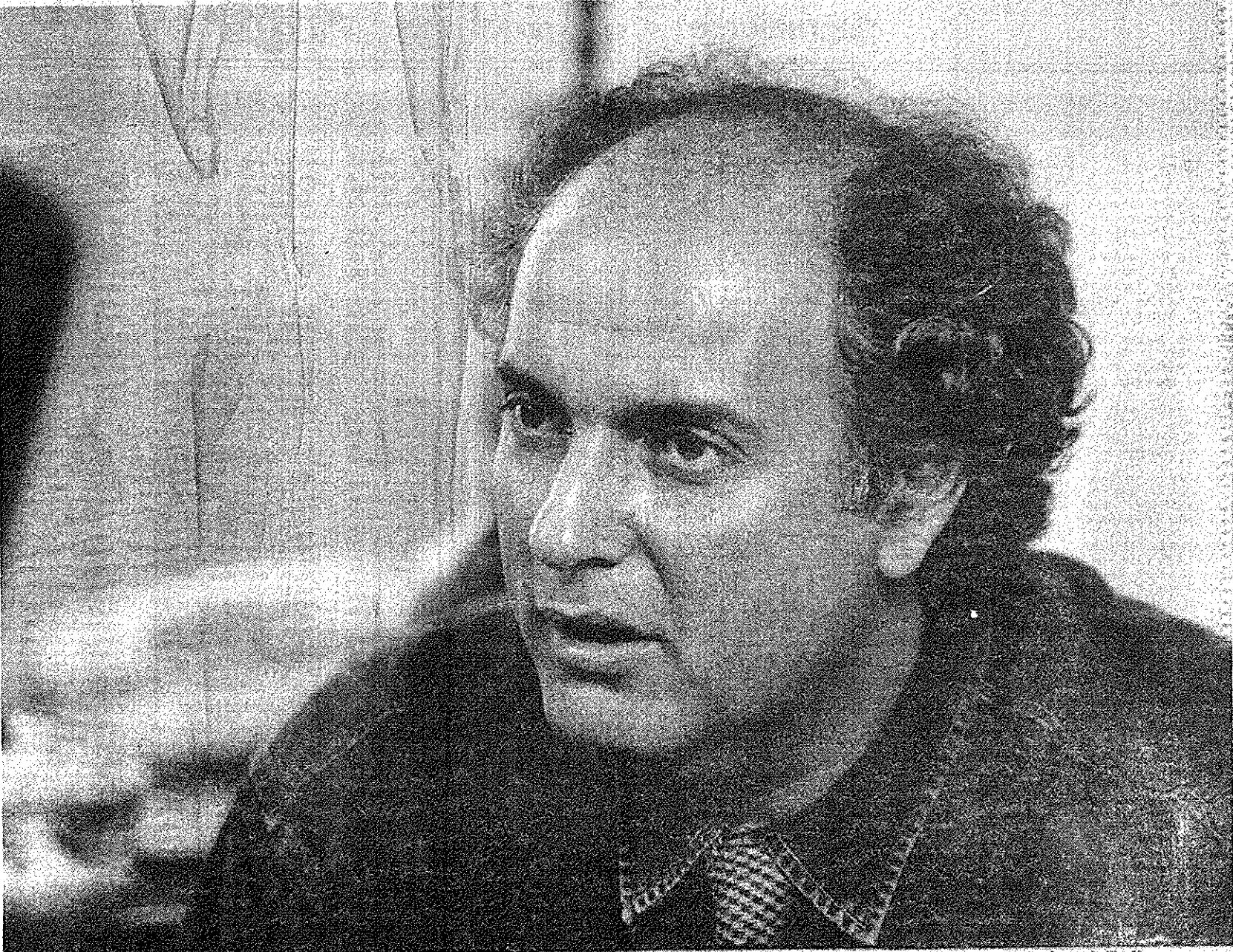
Folha - O que você acha que vai acontecer com o cinema brasileiro?

Babenco - Agora que ele acabou, acho que o Estado tem que assumir uma responsabilidade. Não através do modelo arcaico da Embrafilme, uma nova estatal com 350 empregados e presidida pelo sobrinho do Collor, mas algo como modelos encontrados pela França, Alemanha e Itália. A solução não é taxar os filmes estrangeiros, mas talvez um sistema de quotas que deve atingir mais a televisão e a TV a cabo que o cinema.

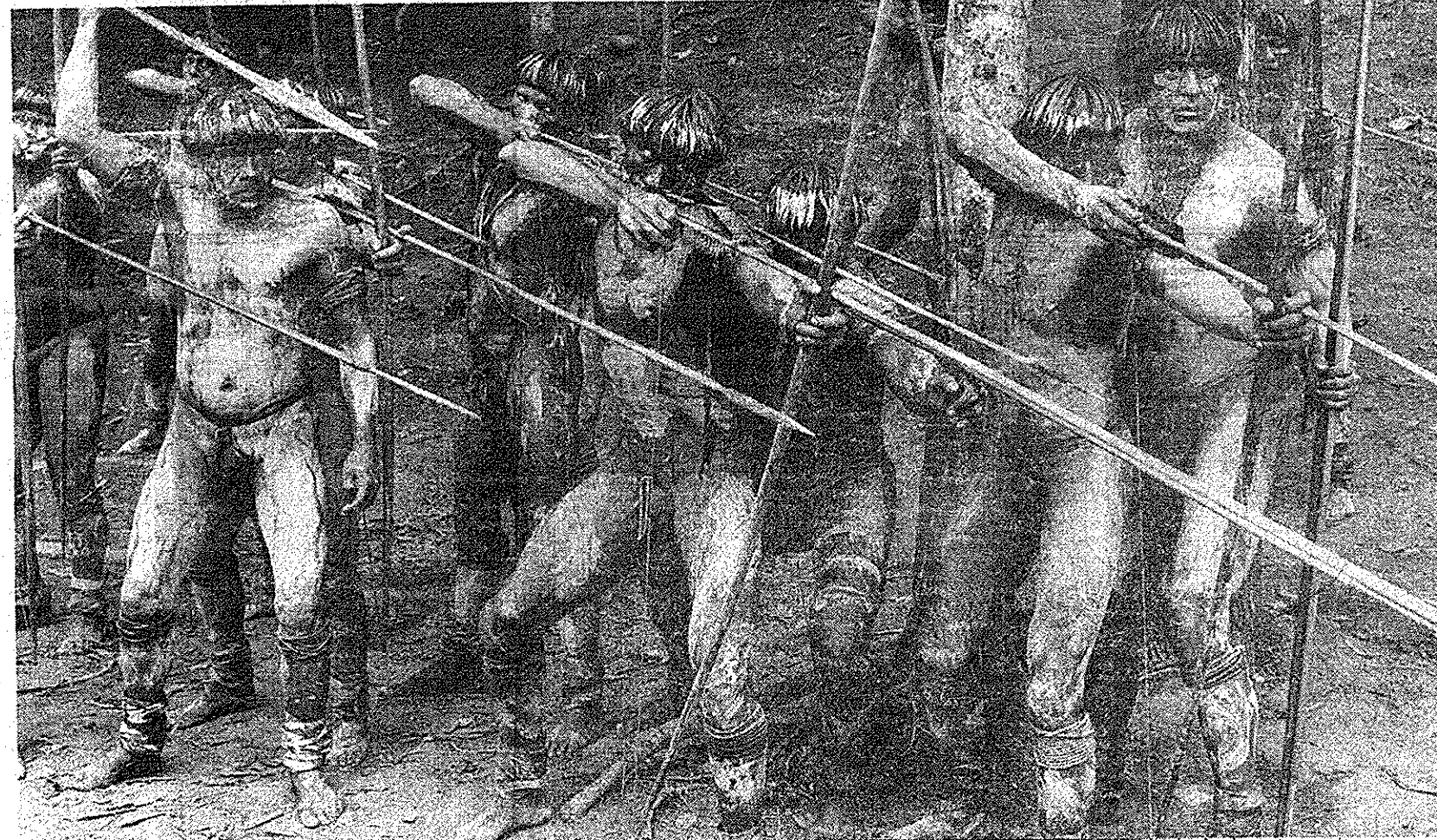
para não reduzir tudo a estilo. Babenco é um cineasta discreto, o que lhe permite construir um verdadeiro pesadelo lentamente.

O espectador só se dá conta de que está dentro de um pesadelo quando as coisas já estão bem avançadas. O romance de Matthiessen trata da queda do homem no meio da selva, de um ponto de vista religioso, para falar da insignificância da religião. É o que faz a história escapar a todos os clichês do atual discurso ecológico.

"At Play in the Fields of the Lord" é um filme surpreendente. Embora o diretor diga que ele trate de brasileiros (os índios) a questão principal continua sendo um dilema dos brancos e a história é uma história de brancos. É talvez o melhor. Porque, com isso, a dimensão trágica transcende a idéia de manifesto e evita os oportunismos verdes.



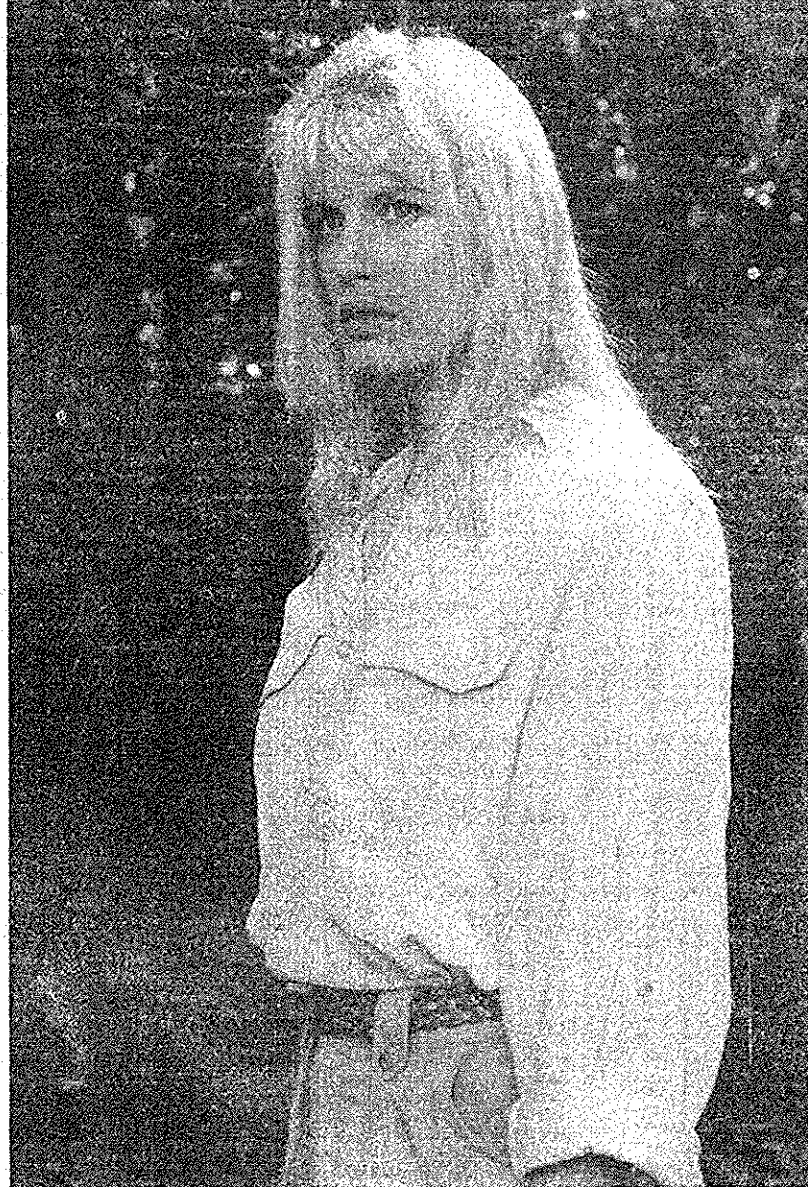
O cineasta Hector Babenco, diretor do filme "Brincando nos Campos do Senhor", durante a entrevista à Folha



O ator brasileiro Stenio Garcia (à esquerda), que interpreta o cacique Boronai no filme dirigido por Hector Babenco



Tom Berenger (à esquerda) e o cantor e ator Tom Waits



A atriz Daryl Hannah, que interpreta uma missionaria